

Índice

O Negro do Narciso	9
Coração das Trevas	171
No Extremo Limite	267
O Companheiro Secreto	403
Linha de Sombra	449



O Negro do Narciso



Prefácio

Um trabalho que aspira, ainda que humildemente, a atingir a condição de arte deveria levar a sua justificação em cada linha. E a arte em si pode ser definida como uma tentativa obstinada de prestar o mais alto nível de justiça ao universo visível, uno e multifacetado, lançando luz sobre a verdade, sublinhando todos os seus aspetos. Trata-se de uma tentativa para descobrir nas suas formas, nas suas cores, na sua luminosidade, nas suas sombras, nos aspetos de matéria e nos factos de vida, o que é que, em cada uma das suas características, é fundamental, o que é duradouro e essencial — a sua qualidade básica que é esclarecedora e convincente — a verdade real da sua existência. O artista, portanto, tal como o pensador ou o cientista, procura encontrar a verdade e faz o seu apelo. Impressionado pelo aspeto do mundo, o pensador mergulha nas ideias, o cientista mergulha nos factos — de onde, na devida altura, emergem para lançar um apelo àquelas qualidades do nosso ser que se coadunam melhor com a empresa perigosa que é a nossa existência. Apenam, com autoridade, ao nosso bom senso, à nossa inteligência, ao nosso desejo de paz ou ao nosso desejo de intranquilidade; não raramente, dirigem um apelo aos nossos preconceitos, outras vezes aos nossos temores, muitas vezes ao nosso egoísmo — mas sempre partindo da certeza de que dirigem os seus apelos à nossa credulidade. E as suas palavras são escutadas com reverência, dado que as suas preocupações dizem respeito a assuntos de peso: com o cultivo das nossas mentes e os cuidados relacionados com os nossos corpos, com a obtenção das nossas ambições, com a perfeição dos nossos recursos e a glorificação dos nossos objetivos mais preciosos.

Com o artista, o processo é diferente.

Confrontado pelo mesmo espetáculo enigmático, o artista mergulha no seu íntimo, e, nessa região solitária de stress e luta, se ele for merecedor e tiver sorte, encontra os termos para o seu apelo. O seu apelo é dirigido às nossas capacidades óbvias: para aquela área da nossa natureza que, por causa das condições quase guerreiras da existência, está necessariamente escondida dentro das qualidades mais resistentes e duras — tal como um corpo vulnerável dentro de uma armadura de aço. O seu apelo é menos barulhento, mais profundo, menos distinto, mais perturbador — e é, a breve espaço, deitado ao esquecimento. Contudo, os seus efeitos duram para sempre. A sabedoria em mutação de gerações sucessivas liberta-se das ideias, questiona os factos, destrói teorias. Mas o artista apela para aquela zona do nosso ser que não depende da sabedoria: para aquilo que, em nós, constitui uma dádiva e não uma aquisição — e, conseqüentemente, é mais permanentemente duradouro. Ele dirige-se à nossa capacidade para o prazer e o encantamento, para o significado do mistério que rodeia as nossas vidas; ao nosso sentido de compaixão e beleza, e dor; ao sentimento latente de união com a criatividade — à subtil, mas invencível, convicção de solidariedade que une a solidão de inúmeros corações, para a solidariedade nos sonhos, na alegria, nos desgostos, nas aspirações, nas ilusões, nas esperanças, nos medos, que ligam os homens entre si, que ligam toda a Humanidade — os mortos aos vivos e os vivos àqueles que ainda não nasceram.

É apenas uma linha de pensamento, como esta, ou antes de sentimento, que pode, em certa medida, explicar o objetivo da tentativa, feita no decorrer da história que se segue, de apresentar um episódio inquieto nas vidas obscuras de alguns indivíduos, arrancados à multidão ignorada dos perplexos, dos simples, dos que não têm voz. Isto deve-se ao facto de que se qualquer parcela de verdade existe na crença atrás confessada, torna-se evidente que não há um lugar de esplendor ou um canto obscuro da Terra que não mereça pelo menos um olhar de espanto e compaixão. Portanto, o motivo pode ser apresentado como justificação do assunto da obra; mas este prefácio, que é apenas uma declaração do esforço feito, não pode resumir-se nisto — dado que a declaração não está ainda completa.

A ficção — se, pelo menos, aspira a ser uma obra de arte — dirige-se ao temperamento. E, de facto, assim deve ser, como a pintura, a

música, como todas as artes, o apelo de um temperamento a todos os outros inúmeros temperamentos, cujo poder subtil e sem resistência dá aos acontecimentos do dia a dia o seu significado verdadeiro, e cria a atmosfera moral e emocional de um determinado lugar e de uma determinada época. Esse apelo, para ser eficiente, deve ser uma impressão transmitida através dos sentidos; e, na realidade, não pode ser feito de qualquer outra maneira, dado que o temperamento, individual ou coletivo, não pode ser submetido a qualquer tipo de persuasão. Portanto, todas as artes apelam, em primeiro lugar, aos sentidos, e o objetivo artístico quando expresso na palavra escrita deve também lançar o seu apelo através dos sentidos, se o seu desejo mais elevado for o de atingir a mola secreta das emoções correspondentes. Deve aspirar energicamente à plasticidade da escultura, à cor da pintura, e à sugestibilidade mágica da música — que é a arte das artes. E é apenas por intermédio da devoção completa e firme à combinação perfeita de forma e conteúdo; é somente através de uma preocupação incessante e nunca desencorajada, com a forma e tom das frases, que se pode fazer uma abordagem da plasticidade da cor, e que a luz de sugestibilidade mágica pode tomar parte no instante evanescente, obtendo uma vitória sobre a superfície vulgar das palavras: das velhas, velhas palavras, desgastadas, desfiguradas por eras de uso descuidado.

O esforço sincero feito no sentido de levar aquela tarefa criativa tão longe quanto possível, e até que as suas forças o permitam, de se manter inflexível perante hesitações, fadiga ou censuras, é a única justificação válida para um prosador. E se ele tem a consciência limpa, a sua resposta àqueles que, na totalidade de uma sabedoria que procura lucros imediatos, exigem especificamente que editem as suas obras, que os consolem, que os divirtam; aqueles que exigem ser rapidamente melhorados, ou encorajados, ou aterrorizados, ou chocados, ou encantados deve ser a seguinte: — A minha tarefa, aquela que estou a tentar realizar, é, graças ao poder da palavra escrita, a de levar o leitor a ouvir, e a sentir — é, acima de tudo, a de convencer o leitor a ver. Nada mais além disto, e isto é tudo. Se eu vencer, o leitor encontrará na obra, de acordo com os seus desejos, encorajamento, consolo, medo, encantamento, tudo o que o leitor exigir — e, talvez, ainda aquele vislumbre de verdade que o leitor se esqueceu de pedir.

Roubar, num momento de coragem, à impiedosa passagem do tempo uma fase fugaz da vida é apenas o princípio da tarefa. A tarefa,